

AS NOSSAS AVÓS AÇORIANAS: HISTÓRIAS, CRENÇAS, SUPERSTIÇÕES

Maria João Dodman¹

Nos Açores as avós têm, desde sempre, desempenhado um papel importante na manutenção do lar e da família. São elas que geralmente ajudam nas numerosas tarefas diárias, especialmente na criação dos netos que, muitas vezes, ficam ao cuidado da avó. Esta realidade, embora hoje menos frequente, era comum nos tempos antigos, quando antes da chegada da televisão e outros meios de comunicação, eram as avós que também tinham a seu cargo entreter os netos nas horas de lazer. Com pouco ao seu dispor, as avós transformavam-se em contadoras de histórias. Ainda hoje me lembro dos provérbios, fábulas e outras historietas que me contava a minha avó, pedacinhos da herança oral do folclore ilhéu. Nada mais natural era, particularmente naqueles dias de chuva e nevoeiro, pedir à avó que nos contasse uma história. Na escuridão da cozinha, ali ficávamos, antecipando e, muitas vezes, adivinhando o desenlace. Em quase todas as narrativas figuravam seres sobrenaturais. Entre os mais populares, havia aqueles casos das almas que se recusavam a partir deste mundo. De interesse eram também aqueles relatos dos desgraçados que tinham o azar de serem o último de sete filhos consecutivos e que por isso nasciam com o célebre dom de lobisomem ou feiticeira/bruxa; geralmente começavam assim: “havia uma casa que tinha sete filhos, o mais moço era labisome”² ou, “um casal tinha sete filhas a eito e a mais moça andava a cumprir a sina. Era bruxa.” Igualmente fascinantes eram as histórias de quebrantos, e as suas vítimas que sofriam e até morriam de doenças inexplicáveis.

Todos estes casos requeriam a intervenção de uma pessoa entendida, que misteriosamente restabelecia a ordem e a paz familiar e comunitária. Esta pessoa era geralmente uma mulher feia e velha. Ela era a bruxa, a feiticeira e a benzedeira,

¹ Maria João Dodman é professora na York University, Toronto, Canadá, no Departamento de Línguas, Literatura e Linguística.

² Labisome ou lambusão significa lobisomem. Para mais informação sobre a linguagem popular, consultar o livro de Rejane Salvi: *Panorama Açoriano*.

cuja singularidade artimanhas nos deixavam com uma estranha sensação de sentimentos contrários. Neste breve estudo, limitar-me-ei a delinear o papel da mulher nas artes mágicas, o conteúdo geral das histórias, assim como as características principais das protagonistas e das narradoras.

A mulher sempre teve um papel decisivo na preservação e na continuidade de crenças e superstições, tanto na imaginação como na realidade açoriana. Desde o povoamento inicial das ilhas, foi ela, a mulher, que sempre se associou a práticas de feitiçaria e bruxaria porque “são elas que preparam poções curativas, realizam simpatias, fazem benzeduras e depositam maior fé nas influências do além” (Salvi, 1990, p. 93). No entanto, estas práticas eram consideradas ofensivas por parte da Igreja. De facto, Luís Mendonça explica que a vigilância religiosa nos Açores dirigiu desde o início a maior parte das suas atenções a questões de práticas de feitiçaria e bruxaria (Mendonça, 1998, p. 115). Estas questões eram com efeito uma das grandes preocupações da Igreja, não só devido à crença da real existência de bruxas e feiticeiras, mas também devido ao facto de que os seus serviços eram solicitados com frequência (Mendonça, 1998, p. 117).³ Mesmo assim, e apesar dos esforços da Igreja, a superstição e a mulher continuaram a manter um lugar de destaque. João Marinho dos Santos observa que este fenómeno se deve ao facto de que a noção de Deus implica a do demónio. Este, por sua vez, usa a sua arte diabólica para perseguir e destruir o homem. Até a própria Igreja participava na divulgação do demónio e seus agentes: “na Achada Grande, estando o povo na igreja com as portas fechadas, quando de noite chovia pedra pómes, dava rijo n’elas e, cuidando todos serem demónios que queriam entrar com êles, os esconjurava o vigário de dentro” (Marinho dos Santos, 1989, p.706). O recurso às mulheres feiticeiras, bruxas ou benzedoras era visto então, tal como os talismãs e/ou amuletos, uma prática que poderia proteger contra os poderes demoníacos (706). Ainda hoje, segundo nos diz Marinho dos Santos, facilmente se encontram motivos que justificam as vantagens em consultar a bruxa (707).

Susana Goulart Costa observa que, embora o exercício de artes mágicas fosse um pecado e um crime de foro misto, os documentos revelam que era uma ocorrência comum, sendo possível que “muitos crentes recorriam às bruxas e às curandeiras considerando-as como um instrumento que reforçava a mediação sacerdotal, como uma mais valia que secundava os esforços eclesiais na ligação entre os mundos terreno e celeste” (Costa, 2007, p. 466-467).⁴

De facto, a crença nos poderes de ditas mulheres é uma das facetas mais

³ Mendonça refere-se a documentos religiosos e a varias visitações eclesiais ao longo dos séculos que mencionam a necessidade de combater e erradicar estes males (115-121).

⁴ Costa explica que, embora encontremos poucos casos nos documentos religiosos, este crime pertencia à justiça secular. Por este motivo, os casos relacionados com a magia seriam muito mais frequentes (466).

notáveis da mentalidade açoriana e a sua relevância aparece com frequência nas observações de escritores nacionais e estrangeiros. Francis M. Rogers nota que

superstition and witchcraft have been widespread in Insular Portugal ... if a girl is particularly anxious that a certain boy be attracted to her, she solicits the aid of a witch, who in turn puts items in the boy's food or drink such as to cause him to fall in love and marry the girl. The evil eye is well-nigh universal, and folk healers and spell-removers are omnipresent. (Rogers, 1979, p. 410-411)

Rogers acrescenta que o impacto e a crença na bruxaria não se confinam aos Açores; nas comunidades estrangeiras de descendência açoriana, como é o caso de Cambridge, em Massachusetts, o auxílio destas mulheres é requisitado nas mais variadas circunstâncias (Rogers, 1979, p. 411).

Outra possível causa que contribuiu para a consolidação destas figuras femininas foi o próprio isolamento do arquipélago e o simples facto de que não havia médicos suficientes nem meios eficazes de combater doenças. Devido a esta carência “as armas espirituais eram tidas como as mais eficazes” (Mendonça, 1998, p.129). Assim, era frequente a intervenção da curandeira ou da feiticeira que:

Para além das mezinhas e emplastros que sugeriam e por vezes preparavam e aplicavam pessoalmente, podiam valer-se dos seus dotes “sobrenaturais”. Existiam feiticeiras, conhecidas por entreabertas, que procuravam curar os doentes recorrendo aos exorcismos de modo a afastar as almas do outro mundo, que supostamente atormentavam as pessoas afectadas. ... A benzedura era outra das armas “espirituais” utilizadas na cura de doenças. (Mendonça, 1998, p. 133-134)

Embora existam mulheres jovens dedicadas às artes mágicas, as feiticeiras têm a tendência de serem velhas; isto porque, segundo nos explica Borges Martins, “nenhuma mulher pode ser feiticeira sem aprender a arte” (Vol I, 1994, p. 59). Assim, parece-nos acertado que as mais experientes sejam também as mais velhas. De facto, encontramos vários casos de velhas feiticeiras com jovens aprendizes:

Havia uma mulher que tinha uma filha e uma velhota da cidade costumava ir ficar para lá e mais elas. E depois elas compraram peixe para a ceia, e a mãe da pequena disse: - Eh, pequena, havia-se arranjar um galhinho de salsa para botar neste caldo. Diz ela: - Ah, minha mãe,

tal pena que eu vi tanta esta noite... - Eh, pequena, aonde é que viste salsa?! - Na Matriz da Praia. - Como é que foste agora p'ra lá? - Eu fui e mais esta tia que dorme aqui em nossa casa. Essa mulher era feiticeira e levava a pequena consigo, e a pequena descaiu-se e descobriu à mãe. (Borges Martins, Vol I, 1994, p. 98).⁵

As mestres, geralmente feiticeiras sem nome, são as velhas, as velhotas ou as tias, que causam mal espiritual e material à sua comunidade:

Uma mulher viu um homem a ordenhar uma vaca e pediu a ele uma cabaça de leite para levar para casa. E ele disse: - A tia se quer beber, beba aqui, porque para levar para casa eu não dou. Olha, assim que ela virou as costas, a vaca deixou de dar leite. A velha fez mal à vaca com cobranto que lhe deu. (Borges Martins, Vol I, 1994, p. 115)

Embora Luís da Silva Ribeiro defina as feiticeiras como “mulheres que nascem com poderes sobrenaturais, em regra malfazejos, que dão mau-olhado e cobranto, causam desavenças, moléstias, e fazem encantamentos” (citado em Mendonça, 1998, p. 117), existem outros factores relevantes. Por um lado, elas actuam com frequência “por solicitação de terceiros, movidos pelo ódio ou pelo desejo de vingança” (Mendonça, 1998, p. 117); por outro lado, a sua influência também pode ser benéfica. Mendonça menciona por exemplo, entre outros assuntos, o desejo de gerar um filho, ou de saber notícias de um familiar ausente (Mendonça, 1998, p. 117).

Existem, por outro lado, as benzedeadas, que são também na sua generalidade: *mulheres velhas, de condição modesta, sem instrução escolar, que habitam quase sempre nos meios rurais ... a sua função essencial consiste em benzer o quebranto, a erisipela, o cobra, a fogagem, a insolação, curar crianças quebradas, coser a carne quebrada e nervo torto, a impigem, o rebate. Ainda podem receitar remédios caseiros para debelar certos males causados por feitiços, praticando o trabalho inverso ao das mulheres que lançam sortilégios. (Borges Martins, Vol I, 1994, p. 195)*

⁵ Existem varias versões destas histórias. No entanto, a trama é sempre a mesma: uma ou várias jovens aprendem a arte de feiticeira com uma velha. A jovem é apanhada porque trepa paredes, entra e sai por buracos de fechadura ou desloca-se invisivelmente. Em todos os casos, quando interrogada, confessa que aprendeu com uma velha ou tia (Borges Martins, Vol I, 1994, p. 98-99).

Assim, o trabalho das benzedeiras é o de protecção; são elas que receitam os antídotos que combatem uma variedade de doenças ou problemas, especialmente o poder malfazejo das feiticeiras. Embora, em regra geral, a família consulte um médico, também recorre à benzedeira, porque só esta consegue curar aquelas doenças graves, fora do âmbito da medicina oficial. Borges Martins indica que a benzedeira tem ainda hoje um grande número de adeptos (Vol I, 1994, p. 195). Os casos que exigem a intervenção da benzedeira são muitos. No entanto, a maioria gira à volta de quebrantos. Geralmente encontramos uma criança ou um animal enfeitiçados; depois de várias tentativas falhadas para salvar o/a doente, alguém sugere uma visita a uma benzedeira que rapidamente salva a situação. Aqui interferem várias mulheres idosas. Em primeiro lugar a feiticeira que lança o feitiço. Em segundo lugar, aquela que percebe o problema é geralmente uma idosa, sendo em muitos casos a avó da criança. E, em terceiro lugar, a benzedeira, é ela também uma idosa. Vejamos os seguintes casos:

Uma mulher ia visitar a sogra e levava o seu filho ao colo, embrulhado num cobertor, para não apanhar frio. A meio da canada, encontrou uma velhota e ela disse assim: - Ah moça, eu gostava tanto de ver o teu pequeno. Ela puxou o cobertor para a banda e mostrou o pequeno. Diz a velha: - Oh que lindo menino! E *prufeito* que consola a ver! Ora, não precisou mais nada. Chegou a casa da sogra e o rapaz deu em vomitar, em vomitar, sem querer comer, o corpinho desfalecido, sempre aborrecidinho que ninguém o podia sofrer. Ela disse à sogra o que se tinha passado e ela disse assim: - Olha, haverás de ir com esse pequeno a casa de minha comadre para ela benzê-lo porque ele tem um carregamento de cobranto em cima de si que é medonho. Ela pegou no pequeno e foi mesmo nesse dia benzê-lo a casa dessa mulher. Olha, quando ela acabou de benzer o pequeno, ele já parecia outro, bem disposto e a sorrir para eles. (Borges Martins, vol I, 1994, p. 246).

Uma criança de três meses ia ao colo da mãe e encontraram uma vizinha que deu em gabar muito a pequena. A menina chegou a casa já doente, muito transtornada, com vômitos amassadinha e com muito fastigo. Foram com a pequena ao médico que nunca atinou com a doença. Dizia que era nervos e não havia maneira de dar cura à pequena. Ela deu em emagrecer, emagrecer e não tardou sequinha que nem uma folha de papel. A avó então lembrou-se de chamar uma benzedeira que foi quem afinal deu cura à pequena (Borges Martins, vol I, 1994, p. 246).

Existem ainda aqueles casos em que a avó é a única crente e a família nega

o auxílio da benzedeira. Finalmente, desanimados pelo agravamento da saúde da criança, aceitam a benzedeira como último recurso. Numa história semelhante à anterior, é a avó que desde o início insiste em levar o neto à benzedeira a qual, apesar da resistência da família, consegue melhorar a criança (Borges Martins, Vol I, 1994, p. 108). Em algumas ocasiões, a benzedeira diagnostica outros “males” para além daqueles que lhes são apresentados:

Havia um rapaz que se erguia da cama muito amarelo, muito abatido, muito esmirrado e disseram ao pai que fosse benzê-lo para saber o que ele tinha. Um dia, ele foi e mais o filho a casa duma mulher para benzer de cobranto. Ela benzeu-o e no fim chamou o pai à parte e disse-lhe assim: - Eu não acho cobranto nenhum neste rapaz. O senhor se quiser saber a verdade procure-o na cama da meia-noite por diante e se ele não estiver lá é porque é lambusome. O pai do rapaz tomou o conselho da velha e, depois da meia-noite, foi ao quarto dele e não o viu na cama. E disse: - Sempre é verdade o que a velha me disse. O rapaz é lambusome. No outro dia à noite, foi aos pastos buscar uma vaca, fancou-a na rua de casa e ficou por ali de aguilhada na mão à espera do filho. Quando ele saiu de casa, encarou com a vaca e entrou nela. Nisto, o pai aparece de repente e espeta a aguilhada numa pata da rês e desencanta o filho. (Borges Martins, Vol I, 1994, p. 31).

São elas também - benzedeiros e avós - que participam activamente na protecção dos netos e inocentes contra as feiticeiras. Em muitas das histórias elas tapam as crianças e cobrem-nas de amuletos para evitar e-ou protegê-las dos maus-olhados: “quando uma mulher tem fama de feiticeira e entra numa casa onde há crianças, a parente mais idosa diz: “cubram vocês os anjos de Deus porque vem aí uma feiticeira!” (Borges Martins, vol I, 1994, p. 67). No entanto, ainda existe outra vertente em que é a própria avó a causa do mal:

Um pequeno andava sempre chupado das feiticeiras e a mãe não sabia quem era a pessoa que andava a apoquentar o pequeno. Então, foi a uma benzedeira e ela disse à mãe do pequeno que arranjasse um coração de gueixo preto e o trancasse com alfinetes e botasse tudo numa púcara com azeite a ferver no lume. Ela fez isto e o marido pôs-se à porta da casa, com uma tranca na mão, para quando a feiticeira aparecesse, dar-lhe uma sova. Dali a pisca, estava o coração aos pulos a ferver na púcara e qual não foi o espanto da mulher quando vê a

própria avó, descalça, esgadelhada e a gritar “pelo amor de Deus, vocês arredem essa púcara do lume, senão eu morro aqui”. A neta caiu-lhe nos braços e perdoou-a e não lhe fizeram mal nenhum. E ela disse: _Eu nunca mais toco no teu filho. Mas tirem essa púcara já do lume, porque eu não aguento mais. E a neta foi depressa tirar a púcara do lume, senão matava a avó. (Borges Martins, vol I, 1994, p. 165)

Estas histórias, contadas pelas nossas avós, revelam-nos grandes contradições sobre a condição da mulher, especialmente a idosa, num mundo igualmente repleto de incompatibilidades. A bruxa, a feiticeira e a benzedeira vivem nesse espaço, entre o divino e o profano, entre o natural e o oculto. Estas mulheres são ao mesmo tempo rejeitadas, temidas e solicitadas. Todas são seres marginais, inclusivamente as avós, que aparecem como as principais agentes de bruxaria e, em muitos casos, as promotoras do mal. Não obstante, a verdade é que estas mulheres que tanto marcaram o nosso viver, eram e continuam ainda a ser, o único refúgio de um povo imerso no isolamento fantasmagórico das “ilhas de bruma”.